

Anno	\$8.
Semestre	5.
Trimestre	3.
Folha avulsa	25 avos.

Assigna-se no Escriptorio da redacção, Travessa do Governador No. 2.

PARA OS SUBSCRITORES.
Não excedendo de 20 linhas. . . \$1
Excedendo de 20 linhas, 5 avos por linha.

PARA OS NÃO SUBSCRITORES.
Não excedendo de 10 linhas. . . \$1
Excedendo de 10 linhas, 10 avos por linha.

MACAU 25 DE MAIO

A ACÇÃO do espirito e a da materia organizada, isto é, o estudo e o trabalho corpóreo são principios que a natureza está como indicando ao homem para que este, por tão grandioso meio, consiga sempre um melhor futuro.

A luta, symbolizada no progresso, encontra-se desde a primeira pagina da grande historia da humanidade até aos tempos hodiernos. Sómente as armas, empregadas nesta luta incessante, é que hão divergido de gerações para gerações.

As armas, que se manejam actualmente na cruzada sancta da civilização, são as da intelligencia, e de certo as mais poderosas de quantas se hão inventado, desde os tempos primordiales, pois só com ellas é que o homem pôde alcançar um grande fim, a que pela sua propria organização se propõe na terra, que é, na palavra autorisada de um sabio, a absorção da natureza na humanidade.

Compenetrado o homem dos direitos que a natureza lhe confere, estuda e trabalha para conseguir fins.

A invenção de tantas associações edificantes, que já vemos organisadas por esse mundo culto, é sómente o resultado de estudos diurnos e de aturados trabalhos.

Mas o que é absolutamente necessario é que esses trabalhos não encontrem nunca diques em sua torrente promettedora e salutar.

Quando a associação se organisa para ser proficua á humanidade, deve sempre ser tão livre, como livres devem ser as vontades dos associados.

Queremos, porém, que as associações respeitem em toda a sua plenitude as leis do paiz, onde são organisadas; mas queremos tambem que essas leis sejam justas e protectoras, que excitem o desejo de trabalhar, que fomentem as industrias, que animem o commercio a todos os empreendimentos uteis, de que elle possa ser capaz.

Sendo evidente que o commercio é uma das mais ricas fontes de um paiz, que utilidade poderá haver em uma lei que tolha o seu desenvolvimento?

Nós não queremos que se reforme tudo de uma vez, mas que se vá reformando pouco a pouco, e que essas reformas sejam sempre justas e completas.

Aqui temos nós esta colonia de Macau, de que o paiz podia auferir grandes interesses, se a aproveitasse do mesmo modo por que os estrangeiros sabem aproveitar as suas colonias.

Pois, sendo tão importante este ponto para o commercio intermedio de Portugal com a China, e ainda com os portos do Japão e de Siam, como já por tantas vezes temos ponderado, porque se ha de embaraçar esse commercio pelos enor-

mes direitos, estabelecidos nas alfandegas do reino? Será assim que se facilita o trabalho, de que mais grandes proventos pôde tirar o paiz? Será dest'arte que se pretende entregar ao nosso commercio a chave de committimentos, que têm por fim a prosperidade de Portugal?

Tornamos a repetir, é sómente estabelecendo os direitos differencias entre o reino e as nossas colonias, assim como já se estabeleceu entre o continente e ilhas adjacentes, que se conseguirá tirar das nossas colonias aquelles desejados resultados, que outr'ora se tiravam dos productos do Brazil.

Para se conseguir um melhor futuro do que o presente, é necessario haver estudo e trabalho, mas para haver estes dois grandes principios, é preciso que as leis os facilitem.

A guerra, quando emprehendida em justo beneficio de um povo, é sempre sancta; e a guerra, que nós fazemos ao esteril systema das pautas actuaes, está debaixo dessas justas influencias. Por conseguinte não nos cansaremos de continuar esta questão, até que possamos ver reformadas as pautas das alfandegas no sentido que deixamos dito.

VAMOS dizer duas palavras acerca dos diferentes eclipses do sol, não para os homens da sciencia, que não carecem das breves explicações, que se podem dar em um jornal, cujo fim principal é tratar de tudo quanto possa tender ao melhoramento desta terra que advoga, mas como promettemos em nosso programma escrever para todas as camadas sociaes, é sómente ao povo a quem dedicamos agora as linhas que se seguem.

O sol, que é um corpo luminoso, só pôde eclipsar-se, interpondo-se outro corpo entre elle e a terra.

Podemos deste phenomeno fazer uma similhança artificial.

Considere-se em uma lampada qualquer a representação do sol, e supponha-se que o olho do observador representa a terra. Entre o olho do observador e a lampada deve ser collocada uma esphera, que figure a lua, notando-se que esta esphera deve estar bem proxima do olho, de modo que, detendo os raios da luz, lhes não permita que cheguem a descoberto do observador, e desta forma achar-se-ha a lampada eclipsada para nós, porque a não vemos. Dest'arte, pois, é que se eclipsa o sol.

Depois desta explicação, não será difficil entender que, passando a lua em sua revolução em roda da terra, pôde por uma ou outra interposição obstar que um ou outro ponto da terra possa ver o sol, ou em parte, ou em toda a sua grandeza.

A lua é um corpo opaco; a luz só a recebe do sol como a terra. Tem a lua

uma sombra e uma penumbra na parte posterior. O eclipse total do sol dá-se naquelle ponto da terra, que estiver na sombra da lua, em quanto o eclipse parcial só terá logar nos pontos da penumbra.

Para um ponto da terra ver o eclipse do sol, é mister que esteja na região, occupada pela sombra ou penumbra da lua.

Por este motivo, acontece que os eclipses do sol são sempre mais raros para um logar determinado da terra, se bem que mais numerosos do que os da lua para a terra em geral, pois que os eclipses da lua são visiveis ás vezes para todos os pontos, sobre cujos horisontes se acha este astro.

Os eclipses da lua são produzidos pela interposição da terra entre ella e o sol. Mas, posto que sejam mais frequentes os eclipses deste ultimo astro, é certo que em um ponto determinado se observam mais eclipses da lua.

Acresce ainda que, havendo variações de consideração no disco apparente da lua, devem os eclipses totaes do sol ser muito raros em um logar determinado da terra.

O maximo tempo das trevas pelo eclipse total do sol, não excede geralmente a cinco minutos.

Traduziremos em seguida uma carta que recebemos de um mathematico castelhano, por occasião do ultimo eclipse total do sol em um ponto de Hespanha.

«É hoje (18 de julho de 1860) o grande dia: dentro em algumas horas ter-se-ha observado o phenomeno magnifico, que fez abandonar seus observatorios á maior parte dos astrónomos da Europa. Não tardará que saiamos da anciedade que nos agita, e que não é possível descrever. No céu apparecem algumas nuvens; o vento leva-as para o occidente, e nós não as perdemos de vista nem um momento.

—Estará nublado? Teremos tempestade?

Eis a pergunta que fazemos uns aos outros. As palavras, que cada um pronuncia, tranquillizam ou desanimam todos os mais. A cada momento observamos o horizonte. Se no longe se ouve algum trovão, retumba no peito de todos. Se o céu se anuvia por um instante, uma nuvem de tristeza entenebrece todos os semblantes.

Porém em pouco tempo tudo se dissipou, e o sol, o verdadeiro *rex calorum*, appareceu com uma força extraordinaria. Os observadores estavam divididos em secções. Os srs. Gordon e Montojo tinham a seu cargo os barómetros, psychómetros e thermómetros de irradiação solar; os srs. Souza e Capello, a parte da photometria-magnatismo, phenomenos de polarisação e anemometro; os srs. Marques, Fernandes, Mauzame e Garrido, a parte astronomica, devendo observar, principalmente os dois primeiros, as protuberancias.

Estavamos todos em nossos postos com o relógio ou chronometro na mão, esperando o momento do primeiro contacto, que, segundo os calculos anteriores, devia verificar-se á uma hora e cincoenta e sete minutos da tarde. Com effeito, a essa hora, mais segundo, menos segundo, conforme os diversos appparelhos que cada um possuia, verificou-se o primeiro contacto do sol e da lua. Sem nos podermos conter, retiramos por um momento os instrumentos opticos, e um olhar de satisfação, de alegria immensa, quasi de orgulho mesmo, bastou para expressarmos mutuamente a emoção que sentiamos.

As tres horas e oito minutos a lua cobriu em toda a sua extensão o disco solar.

Como exprimir o que então passou por nós, e descrever o magnifico espectáculo que se apresentou á nossa vista?

A terra estava envolta nas trovas; o silencio tinha succedido ao ruido que produziam milhares de pessoas; unicamente se deixava ouvir o surdo murmurio do mar, algum tanto agitado por ligeiro vento, similhante ao que annuncia a tempestade.

Tinha-se prostrado a natureza: mas não com o socego de quando se aproxima a noite; não com o poetico canto do lavrador, que pede já o descanso, e da ave que volta tranquilla a seu ninho; não com o magnifico arrebol que pinta o sol em seu occaso ao retirar-se do horizonte, mas de um modo tetrico e sombrio, coberta de um véu de funebre tristeza, fazendo emmudecer de espanto as aves, que buscavam pressurosas um refugio, e aterrando emfim a todos os seres da creação.

Nós, que esperavamos este phenomeno, não fomos tomados estranhos a esta grande emoção; sentimola ainda com mais força, porque nossas observações sobre a natureza eram mais graves e delicadas.

Poucos segundos depois do occultar-se o sol, appareceu em redor uma brilhante corça; innumeraveis raios de prata sahiram em todas as direções do disco solar, e derramavam uma tenua luz, que servia tão sómente para augmentar o effeito da escuridão, para fazer o algum tanto visível. A formosura desta corça maravilhou-nos.

É impossivel formar-se uma ideia daquelle novo aspecto do ceu, e do brillantismo dos raios luminosos, que deixavam em seu centro um nucleo obscuro.

Trez minutos e meio durou o eclipse total. Quando reapareceu a luz, elevou-se da terra um murmurio, que, ajuda que brando, era produzido por milhares de pessoas. Era a respiração anhelante de todos os espectadores, que estivera suspensa; era a manifestação de desafio, que experimentavam todos os corações; era emfim uma impressão, um grito de alegria, que principiara havia duas horas entre os habitantes da California, e que, atravessando com assombrosa rapidez a America, o Atlantico, a Hespanha e o Mediterraneo, ia morrer pouco depois nas abraçadas regiões da Ethiopia, pronunciado pelo idôlota e pelo christão, assim como pelo selvagem e pelo homem civilisado.

O *Echo* do dia 22 declara, com a maior innocencia, e de accordo com o seu catecismo, que o sr. Mendes Leal não disse, mas que deu a entender no seu discurso "que umas mestras não podiam, isto é (conclusões logicas do Collega) não serviam, nem deviam vir; que outras por fim não sabia quem fossem, ou a que instituto pertencessem."

Chamamos a attenção dos leitores para os artigos de redação do *Echo*, dos dias 7 e 15 deste mez, onde se diz ao nobre ministro que tenha vergonha, etc., etc., e onde se sustenta que elle usara estas e aquellas falacias que os Macaenses não podem soffrer!

O *Echo* retira agora em debandada, perdendo armas e bagagens. Não sabemos perseguir quem foje.

Acceitámos a confissão do *Echo*, de ter interpretado como lhe convinha o discurso do sr. Mendes Leal, e continuamos a reprovar a linguagem impropria da imprensa quando julga sem provas.

O que concluimos, e connosco muita gente, é que o *Echo* não sabe o que disse em camaras o sr. Mendes Leal: o seu Espirito Santo, que naturalmente é de orelha, enganou-o redondamente.

Transcrevemos em seguida o trecho do discurso do nobre ministro a respeito das mestras admittidas em Macau, e diga-se com imparcialidade, o que ha n'elle que mereça a censura acre—*de não ter vergonha*—que a S. Exa. fez o *Echo* do Povo.

"Quanto ao ensino para o sexo feminino, deve no *Diario de Lisboa* de hoje vir publicado o boletim do governo de Macau, onde se acha uma portaria do governador approvando os estatutos de uma escola de meninas, que será alli regulada por

"mestras francezas, irmãs do instituto de S. Paulo."

"Não sei bem ainda que instituto é este, e trato de proceder a informações a tal respeito. Este estabelecimento cmtudo fica sujeito, como o declara a portaria do mesmo governador, e como não podia deixar de ser, na parte disciplinar á fiscalização do governo, e as irmãs, na parte ecclesiastica, á obediencia do ordinario."

"Aqui se vê pois que, devida á iniciativa dos habitantes de Macau, está creada uma escola para o ensino do sexo feminino."

O que ha aqui de estranho? tomar o governo informações das pessoas a quem se entrega o ensino da mocidade? É dever dos governos constitucionaes, e folgámos bastante que o possua, porque não são cousas estas de pouca monta.

Se disso não gostam, tenham paciencia!

Dos trêschos que publicamos no numero passado em referencia ás oblatas, deste, e de tudo que o *Echo* tem dito a tal respeito, julgue o publico. Nós cantámos a victoria, e não voltaremos ao assumpto por estar discutida a materia, e outra vez lembramos ao collega o que disse a velha quando desabou a torre de Babel!

O ILLUSTRADO SR. A. A. trata-nos no ultimo numero do seu *Echo* com uma amabilidade que nos penhóra. Agradecemos generosamente a Sua Sa. tanta fineza.

Cumpre-nos porem declarar que não nos julgámos em contradicção no que temos dito acerca das irmãs da caridade, nem tão pouco fazemos votos de reaccionarios. Se o illustrado sr. está persuadido que nos catechizou, engana-se. Nós não podêmos ser *obnoxios*. O illustrado escriptor deve entender-nos, e não entendendo basta.

Sua Sa. pôde rir-se quanto quizer dos nossos desmentidos aos bellos artigos do *Echo*, que o illustrado sr. A. A. tem razões para gabar, pois não nos affligem as suas risadas. Está no seu direito, como nós estâmos de rir tambem da logica empregada na defesa, e das provas que não provam!

Concluindo diremos ainda ao illustrado escriptor que fallando a Sua Sa. como se fosse nosso confessor, quer dizer, que empregamos a franquesa usada em tal caso, porem que não nos passou pela ideia de o considerarmos assim. Deus nos defenda de tal, principalmente agora que tão ingenuamente declara que não guardaria o sigillo! Já desconfiavamos disso, porque pelo rodar da carruagem conhece-se quem anda dentro.

PARA SOCEGAR o sr. A. B. A. outro illustrado collaborador do *Echo*, diremos duas palavrinhas ainda em resposta á sua ultima epistola inserida no seu jornal. Entendemos que prender em flagrante, é acção que segundo as leis do paiz pertence não só á policia, mas até a qualquer paisano; e que entendemos por prender em *Contravenção*, as prisões que se fazem aos individuos que não cumprem as posturas da Camara, e ordens policiaes em vigor. É contravenção fazer mercados em logar prohibido, deitar lixos e immundicies em logares igualmente interdictos, etc, etc. Estâmos pois convencidos, que a letra e espirito do regulamento em vigor dá a essa palavra *fatal*, igual interpretação, assim como estâmos certos que essa foi a intelligencia que lhe deu o Conselho do Governo que, segundo nos consta, approvou todos os

artigos ou disposições do additamento ao regulamento da Policia sem propor alteração alguma.

NOTICIAS DIVERSAS.

Expediente.—Neste numero não podemos dar a continuação do relatorio do sr. dr. Lucio, por falta de espaço.

Legação portugueza.—O Exmo. Conselheiro José Rodrigues Coelho do Amaral, Ministro de Portugal na China, Japão, e Siam, chegou a Shanghai, com as pessoas do seu sequito, no dia 7 do corrente. O *Hydaspe* que conduziu S. Exa. de Hong-kong a Shanghai encontrou vento pela proa e mar, e por isso foi longa a viagem.

A legação tendo afretado em Shanghai o vapor *Gerard* partiu a seu bordo no dia 14, chegando a Tehe-fu a 17 ao meio dia, tencionando largar a 18 para Ta-koo e Tien-tsin, S. Exa. o Sr. Amaral, e os cavalheiros que o acompanhavam fceavam de perfeita saude á partida do *Carthage*, que nos trouxe as ultimas noticias.

As cartas que recebemos dizem-nos que foi excelente a viagem de Shanghai a Tehe-fu, e que o capitão do *Gerard* se esmerára em bem agasalhar seus hospedes. A companhia a legação portugueza um distincto cavalheiro, sobrinho de S. M. a Imperatriz dos francezes, secretario da embaixada hespanhola, a qual se achava em Shanghai devendo seguir para Tien-tsin apoz o *Gerard*. Mr. Morrison, consul de S. M. Britannica em Tehe-fu recebeu com mil attentões o Ministro de Portugal e mais empregados da legação.

Pedido.—Rogámos á commissão da Santa Casa para mandar para o passeio publico mais cadeiras: nestes ultimos dias de musica tem apparecido um numero muito diminuto, e ha subscriptores que se queixam de as não terem obtido.

Companhia equestre.—Tem continuado os divertimentos, sempre agradando, e com grande concurrencia. Entre todos os individuos desta companhia distingue-se como exemplar em equilibrios e gymnastica Mr. Christoff, que soube ganhar pela sua muita habilidade as sympathias do publico.

Esta companhia terminou os seus divertimentos, e parte para Manila.

Grandes chuvas.—Copiosas e quasi constantes tem sido as chuvas nestes ultimos dez dias. Grandes são os receios pelas cheias que podem causar, ás quaes não poderá resistir a nova colheita do arroz. Fazêmos votos para que uma tal calamidade não aconteça.

Ocorrências policiaes.—Nos dias 17, 20, 21 e 23 foram presos cinco chinas, e enviados á procuratura, por diferentes pequenos furtos.

Em 17 appareceu o cadaver de um china proximo do pagode de Matapau, e foi logo mandado sepultar pelo *cabeca da rua*.

Na noite de 19 honve uma disputa entre um cabo da policia, e um individuo pertencente á companhia equestre, que ali se acha, recém-chegada de Shanghai, e deste facto se deu logo conhecimento á autoridade competente.

Nagasaki.—Floresce o commercio neste porto, e os navios são afretados para carregamentos. As autoridades japonezas estão alargando o litoral em frente do estabelecimento estrangeiro.

Captura.—A fragata prussiana *Gasselte*, dizem os jornaes de Shanghai, aprisionou os navios dinamarchezes *Falk*, *Carolina* e *Catharine*: todos estes navios são propriedades de neutras na actual questio, ainda que debaixo da bandeira dinamarchez; e seus carregamentos dos chinas, o que agrava e não pone a injustiça do aprisionamento.

Forgas Imperialistas.—As forças imperiaes, commandadas pelo coronel Gordon, tomaram em 11 do corrente a cidade *Changchow* em poder dos rebeldes. Os cantonenses da sua guarnição e população, dizem os jornaes de Shanghai, foram todos passados á espada.

Naufragio.—O navio inglez *Ida* perdeu-se completamente ao norte da Ilha Saddle. O capitão, sua mulher, e a guarnição, á excepção d'um homem, poderam salvar-se, desembarcando sobre uma rocha d'onde foram tomados por um bote de Ningpó, que os levou a Shanghai, depois de terem soffrido muitas privações.

VIAGEM DA LEGAÇÃO PORTUGUEZA.

(Correspondencia do *Ta-ssi-yang-kuo*.)

Shang-hai, 10 de maio de 1864.

Amigo redactor.

Não attribua V. ao esquecimento de uma promessa o mais gostosamente feita, senão á falta de liberdade de alguns momentos para a cumpri-la, não lhe haver dado até agora noticias da viagem que a missão de Sua Magestade vai seguindo para o norte da china. O tempo que procedeu e se tem seguido

